

INFLUÊNCIA DA MOTIVAÇÃO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Eliane Campos Ruiz Leite¹
Juliana Bueno Ruiz²
Adélia Maria Campos Ruiz³
Terezinha de Fátima Aguiar⁴
Maria Regina Celi de Oliveira⁵

Leite, E. C. R.; Ruiz, J. B.; Ruiz, A. M. C.; Aguiar, T. F.; Oliveira, M. R. C. Influência da Motivação no Processo Ensino-Aprendizagem, *Akrópolis*, 13(1): 23-29, 2005

RESUMO: Esse artigo tem como objetivo refletir sobre a influência da motivação no processo ensino-aprendizagem visando a uma aprendizagem que possibilite ao aluno agir no mundo para transformá-lo. Os dados da literatura revelam que a dinâmica educacional visa, em última análise, a uma mudança de comportamento por meio de um processo de aprendizagem, o que torna necessário analisar a própria posição do educador a partir de um contexto crítico e em total sintonia com a realidade. Outro aspecto pertinente analisado e retratado no presente estudo é a função da escola no processo motivacional de seus alunos, já que motivação é cooperação, ambiente e operação. Trabalhar o lado psicológico dos alunos é muito mais que a artimanha manipuladora e condicionante, é um conjunto de técnicas motivacionais para superar desafios. O objetivo de motivar é o de capacitar a criança para desenvolver coragem, responsabilidade e esforço. A educação é uma tarefa séria e importante. Deve ser objeto de estudos e reflexões constantes. Deve ser vista e exercida a “olhos largos” por parte do educadores. A prática educacional quando assim exercida, não se limita a um simples trabalho ou fonte complementar de renda. Quando desenvolvida dentro dessa dimensão e magnitude é, acima de tudo, uma arte. Uma arte difícil, é verdade, mas extremamente gratificante.

PALAVRAS-CHAVE: motivação; influência; ensino-aprendizagem.

THE INFLUENCE OF THE MOTIVATION ON THE TEACH-LEARNING PROCESS

Leite, E. C. R.; Ruiz, J. B.; Ruiz, A. M. C.; Aguiar, T. F.; Oliveira, M. R. C. The Influence of the Motivation on the Teach-Learning Process. *Akrópolis*, 13(1): 23-29, 2005

ABSTRACT: This article has as objective to reflect on the influence of the motivation on the teach-learning process, aiming at a learning which allows the pupil to act in the world to transform it. The literature data reveal that the educational dynamics aims at changing the behavior through a learning process, which makes it necessary to analyze the own position of the educator from a critical context and a total harmony with the reality. Another pertinent aspect analyzed and portrayed in the present study is the school role in the motivational process of its pupils, since motivation is cooperation, environment and operation. Working on the psychological side of the students is much more than the manipulating cunning, but a set of motivational techniques to overcome challenges. The motivation objective is to enable the children to develop courage, responsibility and effort. The education is a serious and important task. It must be an object of studies and constant reflections. It must be seen and exercised by the educators. When the educational practice is exercised like this, it is not limited to a simple work or complementary source of income. When developed within this dimension and magnitude, it is, above all, an art. A difficult art, it is true, but extremely rewarding.

KEY WORDS: motivation; influence; teach learning.

Introdução

No contexto social atual, observa-se a necessidade da união entre a teoria e a prática cotidiana, pois muitas disciplinas, por não terem ponte estabelecida com a realidade dos alunos, acabam por se distanciar e se tornam de difícil aprendizagem. É preciso ter em vista que o professor deve ser mediador da aprendizagem, auxiliando a formação de pontes

entre os conhecimentos e sobretudo formador de cidadãos, deixando de lado a posição tradicional de mero transmissor de conhecimentos.

A educação é uma tarefa séria e importante. Deve ser objeto de estudo e reflexões constantes. Deve ser vista e exercida a “olhos largos” por parte dos educadores. A prática educacional quando exercida assim, não se limita a um simples trabalho ou fonte complementar de renda.

¹ Psicóloga, Professora de Pós-Graduação da Universidade Paranaense – UNIPAR, Guaíra e Professora da Rede Pública Estadual de Ensino.

² Acadêmica do Curso de Ciências Biológicas com ênfase em Biotecnologia da Universidade Paranaense – UNIPAR.

³ Professora da Rede Pública Estadual de Ensino.

⁴ Coordenadora Multicampi de Divulgação Universitária da Universidade Paranaense-UNIPAR.

⁵ Diretora Executiva de Gestão do Ensino Superior- UNIPAR

Quando desenvolvida dentro dessa dimensão e magnitude é, acima de tudo, uma arte. Uma arte difícil, é verdade, mas extremamente gratificante.

Cada vez mais os professores precisam estar atentos aos interesses dos alunos para que suas aulas sejam mais vivas, motivadoras e dinâmicas. É importante aproximar professor e aluno, de maneira a realizar uma aula mais gratificante para o professor, o que lhe serve como estímulo e como aprendizagem mais sólida e construtiva para o aluno.

Somente transmitir informações não aumenta a inteligência de ninguém, não basta para quem está em busca de mais conhecimento. Para tanto, é preciso despertar a inteligência, fazendo a pessoa perceber que pode sempre aprender mais, despertando-lhe ânimo e vontade para aumentar seus conhecimentos.

Nessa perspectiva, essa pesquisa parte do pressuposto de que a motivação será sempre válida no processo ensino-aprendizagem como incentivo para desencadear impulsos no interior da criança a fim de predispor-la a querer participar das atividades escolares pelo educador e, para isto vale observar o momento e o tipo certo de estímulo a ser utilizado.

Assim, com enfoque central na motivação e nos obstáculos à realização dos estudos de alunos de Ensino Fundamental, esse artigo tem como objetivo analisar alguns pressupostos teórico-metodológicos acerca da motivação considerados relevantes para o processo ensino-aprendizagem.

Por ser o tema central deste artigo, pouco desenvolvido no âmbito de trabalhos literários, espera-se que esse possa contribuir na forma de subsidiar leituras e estudos, propiciando informações sistematizadas que venham servir para melhor compreensão sobre o tema.

Motivação e Aprendizagem

Antes de analisar a importância da motivação, é útil refletir sobre aprendizagem, a qual não comporta uma definição pronta e acabada, pois além de mudanças no comportamento, está permeada de conseqüências que dizem respeito a esta mudança.

Oliveira (2002) apresenta uma definição de aprendizagem, cujo significado é mais abrangente, pois envolve a interação social.

Aprendizado ou aprendizagem é o processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores, etc. a partir de seu contato com a realidade, o meio ambiente, as outras pessoas. É um processo que se diferencia dos fatores inatos [...] justamente por sua ênfase nos processos sócio-históricos, a idéia de aprendizado, inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo. O termo que ele utiliza em russo (obuchenie) significa algo como 'processo de ensino-aprendizagem', incluindo sempre aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre essas pessoas (Vigotsky apud OLIVEIRA, 2002, p.57).

Ainda, em seus estudos sobre Vigotsky, o autor

cita que este não chegou a formular uma concepção sobre o desenvolvimento humano, mas reflexões sobre alguns aspectos. Dentre esses aspectos, encontra-se a preocupação com os processos de aprendizagem.

Em suas pesquisas, Vigotsky destaca que o contato do indivíduo com a cultura do ambiente promove aprendizagem e desperta processos internos, que desenvolvem e definem a maturação. Como exemplo, Oliveira (2002), cita o processo de alfabetização que apenas se desenvolverá caso o indivíduo esteja inserido num contexto no qual exista um sistema de leitura e escrita, pois do contrário, os processos internos para esta aprendizagem, ficarão adormecidos. Também, uma criança que cresça num ambiente de surdo-mudos, mesmo com todos os pré-requisitos para desenvolver a linguagem, sem estímulos do ambiente, ficaria impedida de desenvolver, pois, lhe faltam situações propícias a este aprendizado.

No que tange aos tipos básicos de aprendizagem, Dorin (1975), apresenta a seguinte classificação: condicionamento simples, condicionamento instrumental ou operante, ensaio e erro, imitação, discernimento ou o "insight", raciocínio e incentivos. Entre as diferentes concepções de aprendizagem e sobre o que impulsiona o ser humano a agir, todas chegam a um consenso: o motivo é um fator interno que inicia, dirige e integra o comportamento humano.

Segundo Snygg apud Pilz (2003, p.9), "[...] os motivos têm a função de energizar, provocando o comportamento". Para o autor, o desenvolvimento da aprendizagem pela motivação, deve acontecer de forma natural, conscientizando o educando da dinâmica da vida e de seu desenvolvimento individual, pois, estando o educando motivado para alcançar seus objetivos, pode vencer os obstáculos encontrados, sentindo prazer pelo que está fazendo, e, estando motivado, aprenderá mais rapidamente.

Ferreira (2002) lembra que, para aprender um conteúdo ou matéria, é preciso que o aluno tenha um objetivo que o motive durante o período de tempo em que precisa para realizar as atividades. Assim, cabe ao professor fornecer meios que estimulem o aluno nessa aprendizagem. Considerando-se que motivar significa fornecer um motivo para a aprendizagem, isto é, estimular a vontade de aprender, a autora entende que, no trabalho educacional, é preciso respeitar as diferenças individuais, pois os mesmos incentivos não atingem o mesmo resultado sobre alunos de idades e graus de cultura diferentes. Resumindo, para uma boa aprendizagem, é preciso uma boa motivação.

Oliveros (2003) entende motivação como:

[...] o conjunto dos meus motivos, quer dizer, de tudo aquilo que, a partir do meu interior, me move a fazer (e a pensar e a decidir). Pode expressar, também, a ajuda que me presta outra pessoa para reconhecer os meus motivos dominantes, a ter outros mais elevados, a retificar motivos torcidos (não retos ou corretos), a ordená-los ou hierarquizá-los (OLIVEROS, 2003, p. 59).

Os motivos movem a pessoa humana na busca do resultado que pretende alcançar, estando, assim, centrada na vontade do indivíduo. Para o autor citado acima, necessita-se de razões e motivos para se atender uma vontade, visto que os

seres humanos dão, mas também têm necessidades. O autor destaca em seu estudo, a teoria de motivação desenvolvida por Abraham Maslow, centrada nas necessidades, que apenas serão motivadoras enquanto não estiverem totalmente satisfeitas. Segundo ele, o ser humano é movido por três tipos de motivações: a extrínseca, que se relaciona às reações do ambiente; a intrínseca que se relaciona a sua própria ação; e, a transcendente, que se relaciona ao que sua ação produz em outras pessoas.

São três motivações que se encontram em todas as pessoas humanas, embora em proporções distintas. Se predominar a motivação extrínseca, a pessoa está dependente, de certo modo, das reações dos outros e atua interesseiramente; se predominar a intrínseca, a pessoa pode decidir-se pela ação tendo em vista a sua melhoria pessoal; se predominar a transcendente a pessoa atua pensando ou abrindo-se às necessidades alheias ou à melhoria pessoal dos destinatários da sua atividade (OTERO, 2003, p. 54).

O autor supracitado considera importante essa classificação, pois, em virtude dela, é que o indivíduo agir e, sabendo disso, os educadores – professores e pais – poderão direcioná-la. Algumas pessoas percebem que certas coisas na vida estão ligadas a um impulso, definido como uma ação de empurrar ou arremessar, resultado de um motivo muito forte que a pessoa tem “para agir”.

Se por exemplo, uma pessoa que normalmente não consegue subir em árvores por medo de altura ou por não ter sido bem desenvolvida esta habilidade, ao andar por uma rua ladeada por árvores, tiver de enfrentar um cachorro que surge repentinamente e que vem em sua direção, o impulso (motivo), poderá ser tão forte para fugir que, ao invés de correr, a pessoa subirá numa árvore sem maiores problemas, percebendo esta atitude somente mais tarde, quando o susto tiver passado e o adversário tiver ido embora, isto ocorre porque, nesta hora, certamente a ação de correr pode não ser suficiente, configurando-se como um grande obstáculo e o subir um alívio imediato.

Esta comparação possibilita a compreensão de que os motivos para uma ação normalmente são externos, de forma que alguém precisa provocar alguém, ou seja, as pessoas reagem positivamente em sua própria defesa quando existe algum perigo, no entanto, como na aprendizagem não há perigo notável, é preciso estimular ações para concretizar o objetivo almejado.

Dentre muitos problemas que os professores enfrentam em sala de aula, o mais difícil, talvez, seja o da motivação. Em todos os níveis de ensino, os professores encontram alunos apáticos ou alunos que assumem uma atitude de resistência em relação aquilo que está sendo ensinado. Depois de ouvir repetidamente frases tais como: - “Eu não entendo isso”, - “Eu nunca vou usar isso”, entre outras, alguns professores desistem de melhorar sua atuação e racionalizam dizendo que os alunos não estão interessados porque lhes faltam os pré-requisitos necessários para a compreensão e o conseqüente interesse pela matéria.

Na tentativa de motivar esses alunos, os professores utilizam várias estratégias, iniciando pelas recompensas,

passando, depois, às ameaças e, finalmente, à punição. Como usam essas técnicas de maneira causal, acabam piorando a situação, pois geram mais rebeldia e insatisfação ou apatia. Por isso, a motivação e os estímulos devem ter objetivos, ser claro, isto é, partir da dificuldade apresentada pelo aluno para realmente surtir o efeito esperado. Deve-se analisar até que ponto o aluno sabe, para então estimulá-lo no ponto mais próximo possível de sua dificuldade.

Para que se alcance o objetivo esperado, é necessário observar diariamente os alunos, anotando o que for considerado relevante ao processo. Estes dados anotados fornecerão o que Vigotsky *apud* Oliveira (2002), chama de “nível de desenvolvimento real”, e estes dados possibilitarão aos estímulos atingir mais rapidamente o aluno, auxiliando-o no desenvolvimento de sua aprendizagem.

Oliveira (2002) relata que, quando a intervenção motivacional se der na zona de desenvolvimento proximal, ela deverá considerar, também, o “nível de desenvolvimento potencial”, ou seja, a competência do aluno realizar com auxílio ou instrução uma tarefa que, sozinho é ainda incapaz.

Assim, quando o desenvolvimento tiver interferência de outras pessoas, quer seja do professor ou do colega e, desta forma, seu resultado for afetado significativamente, tornando-o diferente do individual, saber-se-á que a ação se deu na zona de desenvolvimento proximal, considerando o potencial da criança e seu desenvolvimento real.

A zona de desenvolvimento proximal refere-se, assim, ao caminho que o indivíduo vai percorrer para desenvolver funções que estão consolidadas, estabelecidas no seu nível de desenvolvimento real (OLIVEIRA, 2002, p. 60). Para este autor, a motivação realmente terá sucesso se interferir nesta zona de desenvolvimento, considerada por Vigotsky, como local de impulso de maior transformação ao desenvolvimento psicológico da criança.

Desta forma, somente se beneficia do estímulo motivacional a criança que ainda não domina certos conhecimentos, mas que já iniciou o processo de desenvolvimento dessa habilidade.

A implicação dessa concepção de Vigotsky para o ensino escolar é imediata. Se o aprendizado impulsiona o desenvolvimento, então a escola tem um papel essencial na construção do ser psicológico adulto dos indivíduos que vivem em sociedades escolarizadas. Mas o desempenho desse papel só se dará adequadamente quando, conhecendo o nível de desenvolvimento dos alunos, a escola dirigir o ensino não para etapas intelectuais já alcançadas, mas sim para estágios de desenvolvimento ainda não incorporados pelos alunos, funcionando realmente como um motor de novas conquistas psicológicas. Para a criança que frequenta a escola, o aprendizado escolar é elemento central no seu desenvolvimento (OLIVEIRA, 2002, p. 61-62).

Entende-se, então, que a escola necessita adequar seu processo de ensino-aprendizado aos seus objetivos, contudo, voltado ao nível de desenvolvimento da criança, e

cujas interferências provoquem avanços que não ocorreriam espontaneamente. Vigotsky considera qualquer modalidade de interação social, como forma produtiva para promoção do aprendizado. Também, destaca que a ligação existente entre o indivíduo e seu ambiente sócio-cultural pode funcionar como estímulo externo à aprendizagem.

Desta forma, a motivação será sempre válida no processo ensino-aprendizagem como incentivo para desencadear impulsos no interior da criança a fim de predispor-la a querer participar de atividades escolares pelo educador e, para isto, vale observar o momento e o tipo certo de estímulo a ser utilizado.

Vale frisar que, além de ser competente em seu campo de conhecimento específico, o professor deve conhecer a dinâmica do comportamento humano, especialmente em situação de sala de aula. Em seu quadro de referência, deve estar os princípios validados de uma ou mais teorias sobre a motivação, para que possa realizar de maneira eficiente sua atividade pedagógica.

Estratégias Motivacionais

Neste momento do estudo, convém salientar que, motivar significa preparar atividades que desenvolvam uma aprendizagem significativa, pois serão elas que determinarão o nível de motivação dos alunos. Na vida, a aprendizagem não tem limites, usa da imaginação para ver e sentir, com toda liberdade possível, agrupando a parte emocional com a intelectual e o pensar com o fazer.

Todavia, Gasparin (2001), ressalta que esse impulso termina quando o assunto é aula, disciplinas e tarefas. Parece acabar na escola toda liberdade, devido às regras pré-estabelecidas para priorizar a vida intelectual, o raciocínio e a lógica. No entender do autor citado, a escola parece ser um ambiente isolado do mundo, no qual a emoção e o sentimento não fazem parte, e o que vale é o conhecimento científico, e não, necessariamente, os conhecimentos transformados em solução para problemas da vida prática.

Assim sendo, os professores devem estar preparados para desenvolver uma aprendizagem significativa, utilizando-se de técnicas variadas com métodos de trabalhos dialéticos. As estratégias de aprendizagem variam de acordo com a intenção que o aluno enfrenta a tarefa, intenção de estabelecer relações entre o que lhe é apresentado e o que sabe, intenção de cumprir estritamente as exigências dos professores, entre outras. De acordo com Coll (1999), muitas intenções têm sido relacionadas à motivação intrínseca e extrínseca, como se fosse algo que o aluno possuísse.

Entre as situações sociais, incluem para o aluno pessoas significativas como, professores, colegas e outros de seu meio. Essa relação diz respeito ao fato de que, o aluno estar ou não motivado, não é uma responsabilidade única. De acordo com estudos de Coll (1999), cada situação concreta trazida pelo aluno não se identifica exclusivamente com os instrumentos intelectuais de que dispõe professor e aluno no processo de aprendizagem, envolvendo, também, o de caráter emocional, co-relacionados com as capacidades de equilíbrio pessoal.

Mesmo sendo construídos significados sobre os conteúdos de ensino, também se constroem representações sobre eles mesmos, em que aparecem como pessoas

competentes, interlocutores interessantes, seus professores e colegas, estando estes preparados e capazes para resolver os problemas colocados.

Pode-se afirmar que, quando se aprende o conteúdo, também se aprende que é possível aprender ainda mais, gerando satisfação pessoal. Na motivação para aprendizagem, um fator importante é o autoconceito que se refere ao conhecimento de si mesmo, incluindo o juízo valorativo chamado de auto-estima. A relação entre o autoconceito e o rendimento escolar resulta na escola, no progresso esperado pelos professores.

O autoconceito, citado por Coll (1999), é aprendido durante as experiências da vida, vinculadas aos pais, irmãos, professores, colegas e amigos, aos quais a pessoa tece a visão de si mesma. Desta forma, as crianças elaboram essa visão através de um conjunto de atitudes pessoais em relação a ela mesma, se considerando simpática ou incômoda, esperta ou desajeitada. Muitos fatores contribuem para formar uma imagem reforçada ou modificada pela experiência cotidiana.

Assim, quando o professor entra em uma sala de aula, traz consigo uma visão de seus alunos, que influencia aquilo que lhes vai propôr, a forma de propôr e sua avaliação. Também, os fatores afetivos são fundamentais na representação construída pelos alunos sobre seus professores: a disponibilidade, o respeito e o afeto a eles transmitidos, a capacidade de mostrar, ser acolhedor e positivo. O peso desses fatores é tanto mais elevado, quanto mais baixo o nível de escolaridade.

Segundo Coll (1999), os professores acreditam que sua influência e controle são maiores sobre os considerados bons alunos. Seus êxitos são considerados pelos professores a causas internas, e seus fracassos a causas externas; da mesma forma, o esforço, embora não seja brilhante, é conseguido em função do esforço.

Esse padrão pode ter alguma conseqüência. O fracasso do aluno deve-se ao fato de que, num determinado dia esteve um pouco distraído, ou a tarefa esteve complicada, e neste momento, deve o professor intervir para ajudá-lo, sanando suas dúvidas e incentivando-o. Tal intervenção, pode possibilitar não só a aprendizagem, mas também a experiência emocional de ter aprendido. Todavia, quando, tal fracasso é atribuído à falta de capacidade do aluno, a atuação do professor pode ser diferente, pois, ao se apoiar na escassa confiança do aluno para aproveitar as ajudas, aquele se dispersa e deixa-o agir individualmente.

Desta forma, para Coll (1999), a pessoa acostumada a ver a sua situação coroada de êxito, está em condições insuperáveis para atribuí-la à própria capacidade e esforço, o que reforça sua auto-estima permitindo gerar expectativas positivas quanto às suas possibilidades para enfrentar novos desafios e tarefas. No caso do aluno com a experiência repetida de fracasso, acabará considerando este fato como responsabilidade sua, tendo como exemplo a sorte ou a benevolência do professor, reforçando uma auto-estima negativa e expectativas pouco favoráveis para continuar avançando.

Gasparin (2001) lembra que o significado da aprendizagem se dá através de sua construção, conseqüentemente, a adoção de um foco profundo relacionado com a motivação intrínseca, o desejo de tomar algumas decisões suscetíveis não só para favorecer o domínio do

procedimento, de atitudes e a compreensão de determinados conceitos, mas de gerar sentimento de competência, auto-estima e de respeito por si mesmo no sentido mais amplo.

Pautado nisso, é que deve ser desenvolvida uma proposta de motivação no sentido de auxiliar a aprendizagem de modo significativo e sólido.

Com base em Bordenave (1995); Weiss (2001); Ferreira (2002) destacam algumas estratégias motivadoras que podem auxiliar no processo de ensino-aprendizagem.

Na comunicação, pode ser utilizado o diálogo bilateral – do professor com os alunos –, ou o diálogo multilateral – situação em que os alunos participam do debate com o objetivo de alcançar soluções ao problema estabelecido “trabalho de grupo”. Da boa comunicação depende, não só a aprendizagem, mas também o respeito mútuo, a cooperação e a criatividade, relata Bordenave (1995). Desta forma, a comunicação pode ser considerada uma grande responsável pelo sucesso das atividades escolares.

Quanto às técnicas de trabalho em grupo podem ser citados:

- Tempestade cerebral, que consiste em lançar a pergunta ao grupo, registrar todas as respostas e, posteriormente, selecionar a melhor;
- Simpósio onde se distribui vários subtemas de um mesmo assunto, sendo cada um explanado em um dado momento;
- Grupo de Verbalização e Grupo de Observação – GVGO serve para conhecer a opinião dos colegas do grupo, se desenvolve com dois círculos, sendo um interno e um externo, ambos com o mesmo número de alunos. Procedese com o círculo interno parado e o externo girando para uma direção a cada um ou dois minutos, até completar a volta, devendo ficar registradas as respostas;
- Seminário consiste em estudar um assunto procurando soluções para os problemas encontrados; dramatização permite teatralizar uma situação de relações humanas que pode atingir várias finalidades;
- Workshop – laboratório, se realiza a partir de uma reunião de doze ou mais pessoas com interesses ou problemas comuns, cujo objetivo é melhorar sua habilidade.

As atividades de dinâmica de grupo são consideradas por Bordenave (1995), como um desafio mental permanente que exige cooperação, criatividade, coerência, espírito de equipe, onde as pessoas trabalham por prazer e não por obrigação, fidelidade e destruição das barreiras interindividuais promovendo um relacionamento mais profundo e autêntico, que faz surgir solidariedade e amor ao próximo.

Também, o computador pode ser utilizado como instrumento efetivo no processo ensino-aprendizado, se construir conhecimento de maneira desafiadora. Assim, a informática servirá de ferramenta educacional para integrar conteúdos significativos, oferecendo novo ânimo às aulas, pois favorece ao grupo como um todo e auxilia aos que têm dificuldade de expressão, de sistematizar, generalizar e refletir idéias, além de permitir aos alunos mais tímidos ou

com dificuldades de concentração participarem em igualdade com os colegas.

Weiss (2001) cita como pontos básicos na elaboração de propostas de trabalhos com a informática, atividades que partam do interesse da turma, com enfoque na participação ativa, que favoreça os alunos que tenham dificuldades, que integrem conteúdos curriculares reais, e que no final do trabalho seja realizado uma avaliação para rever os caminhos percorridos.

Segundo Carrasco (2003), para auxiliar o professor e apresentar resultados satisfatórios na aprendizagem, faz-se necessário seguir alguns princípios e técnicas de motivação, assim, juntamente com vários itens e análise do seu desenvolvimento feita pelo autor, apresenta-se um rol de princípios e técnicas de motivação em Anexo I.

Ferreira (2002) destaca que, para uma boa motivação, fazem-se necessários alguns momentos coletivos em sala de aula, não coletivos fisicamente, mas que favoreçam o intercâmbio e a cooperação. Cita exemplos de planejamentos com atividades coletivas, seja na introdução de um assunto, na sistematização dos conteúdos ou na avaliação do trabalho, tudo baseado no conhecimento que o professor deve ter sobre a sua classe.

Qualquer que seja a forma adotada para distribuir as atividades ao longo do dia é interessante que o planejamento contemple momentos de participação coletiva de toda a classe, momentos em que cada um trabalhe por si só, e em que os alunos interagem mais intensamente, trabalhando em grupos (Souza, apud FERREIRA, 2002, p. 22).

A autora lembra que é muito importante considerar a faixa etária dos alunos. Para isso, necessita-se variar as atividades reforçando o conteúdo a partir de diferentes situações, e junto aos alunos que não conseguem acompanhar, é necessário dispensar estímulo individual. Neste momento, o professor poderá agir na zona de desenvolvimento proximal facilitando ao aluno o andamento das aulas.

O ser humano e, portanto, as crianças e jovens não são iguais: as informações disponíveis a cada um são distintas; as estratégias de pensamento e ação, bem como os recursos utilizados, são diferentes. Essa diversidade, que caracteriza a diferença entre indivíduos de um certo grupo, é tida como fundamental para a própria interação que irá se fazer em sala de aula: sem essa desigualdade não seria possível a troca e, conseqüentemente, o alargamento das capacidades cognitivas pelo esforço partilhado, na busca de soluções comuns (Souza, apud FERREIRA, 2002, p. 23).

De acordo com a autora citada acima, a heterogeneidade confere ao grupo, trocas que enriquecem a aprendizagem. Ressalta-se, assim, a idéia de Vigotsky sobre a importância dos colegas em sala de aula, atuando no desenvolvimento psicológico de outros colegas. Desta forma, para melhor aproveitamento dos momentos coletivos, cabe ao professor organizar os grupos na tentativa de atingir seus objetivos

em cada situação. Vale frisar, que grupos menores permitem um acompanhamento mais claro, pois a interação é maior. Já os maiores, permitem maior criticidade, haja vista que permitem confrontar mais opiniões.

Na busca para responder aos desafios da sala de aula, Ferreira (2002) aponta para a importância de explorar diferentes possibilidades. Assim, o professor poderá durante a aula coletiva, expor os assuntos dirigindo-se ao grupo-classe, dando, colhendo informações e problematizando situações, favorecendo o estímulo e a participação de todos os alunos.

Num trabalho de grupo, convém que o professor motive primeiramente os alunos a debater sobre o conteúdo de maneira que cada um faça parte do grupo, após, poder-se-á escolher os papéis de cada aluno do grupo, para que cada um assuma sua tarefa e aja para o sucesso do todo. Para Ferreira (2002), é necessário promover uma avaliação individual e grupal sobre o trabalho, para verificar dúvidas e dificuldades que foram superadas ou não. A autora destaca ainda, que a partir do momento que a atividade grupal se tornar rotina, a motivação é maior, pois as dificuldades diminuem e, com isso, a autonomia se eleva.

Com a diversidade das tarefas e a autonomia dos grupos, haverá momentos em que a profundidade do assunto será maior em alguns grupos, considerando que o ritmo deles também é diferente.

Estabelecer uma rotina que permita, numa classe de tamanho padrão das escolas públicas, o desenvolvimento simultâneo de vários tipos de atividades diferentes pelos alunos, sem que um grupo atrapalhe o trabalho do outro e respeitando os diversos ritmos individuais. Todos os alunos devem começar juntos uma determinada tarefa. À medida que terminam, dirigem-se para um dos “cantos” (de livros, jogos, poesia), ocupando-se sozinhos ou em grupos, enquanto outros continuam a tarefa, outros trabalham individualmente ou em duplas com a professora (Souza, *apud* FERREIRA, 2002, p. 26).

Assim, observa-se que a aprendizagem se dará de maneira diferenciada, contudo, significativa, ainda que atenderá todos os alunos da classe, propiciando, principalmente, a sociabilidade, a cooperação e o respeito mútuo.

Considerações Finais

Os apontamentos da pesquisa demonstram que a motivação é e será sempre uma grande aliada na aprendizagem, para que esta seja satisfatória e não apenas um complemento de informações. Todavia, para que os estímulos sejam realmente incentivadores, é preciso que se pautem nos significados do ato de aprender e na sua utilidade.

A motivação é algo que ocorre, geralmente, de forma externa ao indivíduo, sendo considerada um impulso para a pessoa poder agir ou reagir diante da situação criada, a ação impulsiona ou motiva a pessoa a fazer algo através do prazer de fazer ou de uma necessidade inevitável.

As crianças, no início do processo de aprendizagem, constroem sua bagagem de conhecimento, utilizando-se de informações prontas e quando instigada, as mesmas precisam de vários e diferentes estímulos e não apenas naqueles baseados exclusivamente no poder do reforço, para tornar-se um cidadão crítico que esteja constantemente construindo conhecimento.

Os dados da literatura revelam que a dinâmica educacional visa, em última análise, a uma mudança de comportamento por meio de um processo de aprendizagem, em que se torna necessário analisar a própria posição do educador a partir de um contexto crítico e em total sintonia com a realidade.

Outro aspecto pertinente analisado e retratado no presente estudo é a função da escola no processo motivacional de seus alunos, já que motivação é cooperação, ambiente e operação. Trabalhar o lado psicológico dos alunos é muito mais que a artimanha manipuladora e condicionante, é um conjunto de técnicas motivacionais para superar desafios.

O objetivo de motivar é o de capacitar a criança para desenvolver coragem, responsabilidade e esforço. A educação é uma tarefa séria e importante. Deve ser objeto de estudos e reflexões constantes. Deve ser vista e exercida a “olhos largos” por parte dos educadores. A prática educacional quando assim exercida, não se limita a um simples trabalho ou fonte complementar de renda. Quando desenvolvida dentro dessa dimensão e magnitude é acima de tudo, uma arte. Uma arte difícil, é verdade, mas extremamente gratificante.

Por ser o tema central deste artigo, pouco desenvolvido no âmbito de trabalhos literários, espera-se que este possa contribuir na forma de subsidiar leituras e estudos, propiciando informações sistematizadas que venham servir para melhor compreensão sobre o tema.

Referências

- BARROS, C. S. G. **Pontos de psicologia escolar**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- BRAGHIROLI, E. M. et al. **Psicologia geral**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BORDENAVE, J. D. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CARRASCO, J. B. **Princípios e técnicas de motivação**. Disponível em: <<http://paginasprofessor.no.sapo.pt/tecnicas1.htm>>. Acesso em: 16 jul. 2003.
- CHIAVENATO, I. **Recursos humanos**. São Paulo: Atlas, 1990.
- COLL, C.; et al. **O construtivismo na sala de aula**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- DORIN, L. **Psicologia da educação**. São Paulo: Ed. do Brasil, 1975.
- FERREIRA, D. S. **A motivação e o processo ensino-aprendizagem na educação infantil**. 2002, p.38. Monografia (Especialização em Educação e Arte) – Curso Pós Graduação em Educação e Arte, Universidade Estadual do Paraná – Unespar/Fecilcam, Campo Mourão, 2002.
- GASPARIN, J. L. Motivar para aprendizagem significativa. **Revista mundo jovem**, Porto Alegre, n. 314, p. 8, mar.2001.
- OLIVEIRA, M. K. **Vigotsky aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

OLIVEROS, O. **Vontade e motivação**. Disponível em: <<http://paginasprofessor.no.sapo.pt/vontade1.htm>>. Acesso em: 16 jul. 2003.

PERES, J. C.; SONNI, L. R.; BRAZÃO V. L. C. **Relação entre teoria e prática do ensino de matemática do nível fundamental**: uma abordagem interdisciplinar. 2001. 47f. Monografia (Especialização em Interdisciplinaridade na Educação Básica) – Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão, Palotina, 2001.

PILZ, C. Motivação para aprendizagem. **Revista mundo jovem**, Porto Alegre, n. 335, p. 9, abr.2003.

WADSWORTH, B. J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. 5. ed. São Paulo: Pioneira. 1992.

WEISS, A. M. L.; CRUZ, M. L. R. M. **A informática e os problemas escolares de aprendizagem**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

Recebido em: 07/10/04

Received on: 07/10/04

Aceito em: 01/11/04

Accepted on: 01/11/04